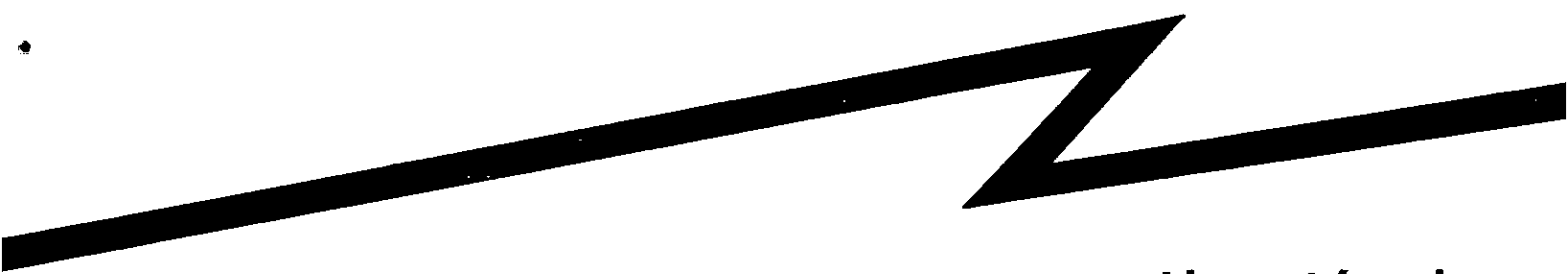


<b>PROGRAMA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DO IEA: 1989</b> .....	9
<b>ARTIGO TÉCNICO</b>	
Um Diagnóstico do Setor Agrícola Paulista: Desempenho da Produção .....	43
<b>CONJUNTURA AGROPECUÁRIA</b>	
Esboçam-se os Cenários da Década .....	63
<b>PREÇOS AGRÍCOLAS</b>	
<b>COMPORTAMENTO DE PREÇOS</b> .....	71
Preços Recebidos .....	71
Preços Pagos .....	72
Índice de Paridade .....	73
Cesta de Mercado .....	74
<b>LEGISLAÇÃO AGRÍCOLA</b> .....	121
<b>MERCADO DE TERRAS</b>	
Mercado de Terras Agrícolas: Primeiro Semestre de 1989 .....	127



**artigo técnico**

Elcio Umberto Gatti(2)  
Geni Satiko Sato(2)

## 1 - INTRODUÇÃO

Este artigo, parte integrante de uma análise globalizante do setor, trata especificamente das mudanças ocorridas no setor produtivo nas últimas décadas. A primeira parte, anterior a este artigo, analisou o desempenho da economia paulista no período, abrangendo os principais setores produtivos.

A terceira e última parte pretenderá abordar a questão da terra e mão-de-obra rural com tendências observadas no período.

Esta segunda parte, portanto, abordará as mudanças ocorridas no setor em termos de produção, realocização das culturas, expansão ou retração das áreas cultivadas e desempenho relativo à produtividade frente às políticas agrícolas adotadas e às mudanças tecnológicas ocorridas.

## 2 - A AGRICULTURA NOS ANOS SETENTA

A agricultura brasileira de meados da década de sessenta até o final da de setenta passou por diversas transformações que afetaram de forma marcante o seu processo de

crescimento. A modernização das técnicas produtivas do setor, através de investimentos nos serviços de extensão e de pesquisa, aliada a políticas de estímulos à utilização de insumos modernos, maquinarias e equipamentos agrícolas; a maior exposição ao comércio internacional, com crescimento expressivo da proporção exportada da produção agrícola, os estímulos para a produção de combustíveis substitutos ao petróleo a partir da biomassa vegetal e a implantação e expansão do complexo industrial associado ao setor agrícola, tanto no processamento de matérias-primas agrícolas como na produção de insumos, máquinas e equipamentos, seriam alguns dos fatos que estariam na gênese daquelas transformações.

Na agricultura paulista essa estratégia política adotada teve reflexos intensos detectados por diversos autores. A política comercial brasileira vigente no período, aliada aos estimulantes preços de alguns produtos agrícolas, notadamente a soja e seus subprodutos, que vigoraram no mercado internacional, assim como o Programa Nacional do Alcool (PROÁLCOOL), implementado na segunda metade da década de setenta, afetaram de modo expressivo o mercado de

---

(1) Recebido em 04/09/89. Liberado para publicação em 06/12/89.

(2) Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

produtos e de fatores de produção(3).

De fato, ao se considerar as informações dos Censos Agropecuários de 1970, 1975 e 1980, referentes aos dados agregados do uso do solo no Estado de São Paulo, verifica-se que enquanto as participações relativas das áreas com lavouras permanentes e temporárias, bem como as áreas irrigadas, foram crescentes no período 1970-1980, as terras com pastagens (naturais e cultivadas) perderam participação no mesmo período; as matas naturais se retraíram, enquanto as áreas reflorestadas se expandiram. Um dado preocupante diz respeito ao crescimento das áreas improdutivas ou inaproveitáveis, inclusas nas quais poderiam estar as terras que sofreram processo inadequado de manejo e/ou utilização, como também a expansão das parcelas com outras utilizações tais como as áreas urbanizadas, as áreas ocupadas por rodovias e ferrovias e, principalmente, as áreas ocupadas com represas e barragens. Embora esses últimos dados não possam ser melhor detalhados, eles mostram a relevância de um planejamento global de ocupação do solo, base física de suma importância para o desenvolvimento das atividades produtivas do setor agropecuário (quadro 1).

Ao se detalhar o comportamento da utilização das terras agrícolas no Estado de São Paulo na década de setenta, com dados do Instituto de Economia Agrícola (IEA), verifica-se

que o total da área agricultada, ou seja, a área ocupada pelas lavouras perenes, anuais (águas, seca e inverno) e pelas pastagens, se contraiu no período, enquanto o subtotal referente às lavouras se expandiu. As participações relativas das atividades, especificamente, se alteraram indicando movimentos de expansão e retração e/ou substituição (quadro 2).

Merecem destaques as atividades que se expandiram expressivamente: cana para indústria, feijão, soja, trigo, café, laranja e pastagens artificiais, sendo que as demais na grande maioria se contraíram.

Com relação às alterações da composição de produção na agricultura paulista na década de setenta, Gatti(4) detectou, entre 1968/70 e 1980/82, contração de 7,13% do sistema de produção agrícola paulista, que englobava as áreas cultivadas com as principais atividades, resultante de decréscimo de 8,9% na primeira metade daquele período e expansão de 1,95% na segunda; cerca de 1,2 milhão de hectares tiveram destinação outra que não as ocupações consideradas no sistema de produção; as atividades que expandiram suas áreas (cana, soja, laranja, café, pastagens cultivadas e feijão) o fizeram ocupando áreas destinadas às pastagens naturais, arroz, algodão, milho, amendoim, mandioca e mamona, tal comportamento foi ligeiramente diferente nos dois subperíodos em termos de número de

---

(3) Ver a esse respeito os trabalhos de Zockun, Maria H.G.P. A expansão da soja no Brasil: alguns aspectos da produção. São Paulo, FEA/USP, 1978. 228p. (Tese-Mestrado); Homem de Melo, Fernando B. Proálcool: composição do produto e emprego agrícola. Estudos Econômicos, v.11, no.3, 1981. Número especial; Camargo, Ana M.M.P. Substituição regional entre as principais atividades agrícolas no Estado de São Paulo. Piracicaba, ESALQ/USP, 1983. 236p. (Tese-Mestrado).

(4) Gatti, Elcio U. A política agrícola e a composição da produção e utilização de mão-de-obra na agricultura paulista na década de setenta. São Paulo, FEA/USP, 1984. 181p. (Tese-Mestrado).

QUADRO 1.- Utilização da Terra, Estado de São Paulo, 1970, 1975 e 1980

Discriminação da área	1970		1975		1980		Variação (%)	
	1.000 ha	%	1.000 ha	%	1.000 ha	%	1975/1970	1980/1975
Lavouras	5.860,6	23,64	5.289,5	21,34	6.100,1	24,61	-9,75	13,29
Permanentes	1.145,2	4,62	1.440,9	5,81	1.764,3	7,12	25,83	18,33
Temporárias	3.590,8	14,48	3.738,6	15,08	4.169,8	16,82	4,12	10,34
Em descanso	1.124,7	4,54	110,0	0,44	166,1	0,67	-90,22	33,78
Pastagens	11.463,4	46,24	11.355,9	45,81	10.307,1	41,58	-0,94	-10,18
Naturais	5.531,8	22,31	4.780,1	19,28	3.214,4	12,97	-13,59	-48,71
Plantadas	5.931,6	23,93	6.575,8	26,53	7.092,7	28,61	10,86	7,29
Matas e florestas	2.426,9	9,79	2.325,4	9,38	2.396,6	9,67	-4,18	2,97
Naturais	1.849,5	7,46	1.480,5	5,97	1.530,8	6,18	-19,95	3,29
Plantadas	577,4	2,33	845,0	3,41	865,8	3,49	46,33	2,41
Produtiva não utilizada	-	-	759,8	3,07	346,7	1,40	-	-119,13
Improdutiva ou								
inaproveitada	573,6	2,31	674,9	2,72	829,8	3,35	17,65	18,67
Irrigada	91,5	0,37	150,1	0,61	180,6	0,73	64,08	16,92
Outros usos(1)	4.373,8	17,64	4.234,2	17,08	4.628,8	18,67	-3,19	8,52
Total do Estado	24.789,8	100,00	24.789,8	100,00	24.789,8	100,00	0,00	0,00

(1) Inclui áreas urbanas, área ocupada por rios e represas e área ocupada por rodovias e ferrovias.

Fonte: Censos Agropecuários de 1970, 1975 e 1980 - IBGE.

QUADRO 2.- Área Cultivada com as Principais Atividades Agropecuárias e Respectivas Participações Relativas, Estado de São Paulo, 1969-71, 1974-76, 1979-81 e 1985-87

(em 1.000 ha)

Atividade	1969-71		1974-76		1979-81		1985-87	
	1.000 ha	%	1.000 ha	%	1.000 ha	%	1.000 ha	%
<b>Cultura</b>								
Algodão	584,8	3,31	329,0	2,00	266,6	1,67	349,5	2,01
Amendoim das águas	279,9	1,58	139,0	0,84	122,1	0,76	98,3	0,57
Amendoim da seca	194,3	1,10	69,1	0,42	77,8	0,49	37,23	0,21
Arroz	655,8	3,71	536,2	3,25	303,3	1,90	315,4	1,81
Batata das águas	17,3	0,10	15,4	0,09	11,9	0,07	11,7	0,07
Batata da seca	12,2	0,07	8,2	0,05	9,0	0,06	8,6	0,05
Batata de inverno	6,6	0,04	7,9	0,05	8,9	0,06	8,3	0,05
Cana para indústria	663,7	3,76	841,2	5,10	1.290,0	8,08	201,3	11,58
Cana forrageira	74,2	0,42	76,9	0,47	72,0	0,45	75,3	0,43
Chá	4,4	0,02	4,9	0,03	4,6	0,03	5,6	0,03
Feijão das águas	124,2	0,70	130,9	0,79	197,0	1,23	201,8	1,16
Feijão da seca	135,5	0,77	122,6	0,74	211,6	1,33	177,9	1,02
Feijão de inverno	-	-	-	-	68,3	0,43	99,9	0,57
Manona	66,0	0,37	61,2	0,37	20,0	0,13	18,9	0,11
Mandioca	109,9	0,62	64,2	0,39	45,4	0,28	48,3	0,28
Milho	1.472,2	8,33	1.222,0	7,41	1.077,5	6,75	1.300,2	7,48
Soja	67,2	0,38	373,4	2,27	551,9	3,46	470,5	2,71
Tomate envarado	5,9	0,03	6,6	0,04	6,7	0,04	7,6	0,04
Tomate rasteiro	14,9	0,08	19,8	0,12	16,8	0,11	9,6	0,06
Trigo	19,3	0,11	137,2	0,83	170,2	1,07	182,8	1,05
Cebola de muda	12,2	0,07	12,1	0,07	12,8	0,08	15,3	0,09
Tangerina, mexerica								
ponkan	18,2	0,10	38,2	0,23	21,0	0,13	23,6	0,14
Abacaxi	2,4	0,01	2,6	0,02	1,8	0,01	1,9	0,01
Banana	26,7	0,15	34,3	0,21	50,4	0,32	48,7	0,28
Café	784,3	4,44	781,9	4,74	990,0	6,20	826,6	4,75
Caqui	3,0	0,02	3,5	0,02	3,0	0,02	2,6	0,01
Laranja	186,0	1,05	389,0	2,36	526,8	3,30	682,2	3,92
Limão	10,4	0,06	21,5	0,13	17,8	0,11	24,4	0,14
Mamão	4,0	0,02	5,1	0,03	6,9	0,04	1,3	0,01
Uva de mesa	7,5	0,04	7,9	0,05	7,7	0,05	8,1	0,05
Uva para indústria	2,8	0,02	1,9	0,01	1,5	0,01	0,8	0,00
Subtotal culturas	5.565,8	31,51	5.463,7	33,15	6.171,3	38,65	7.075,93	40,69
Pastagem								
Natural	4.547,0	25,74	3.713,4	22,53	2.688,5	16,84	2.627,4	15,11
Artificial	7.550,5	42,75	7.306,0	44,32	7.105,7	44,51	7.687,4	44,20
Subtotal pastagens	12.097,5	68,49	11.019,4	66,85	9.794,2	61,35	10.314,8	59,31
<b>Total</b>	<b>17.663,3</b>	<b>100,00</b>	<b>16.483,1</b>	<b>100,00</b>	<b>15.965,5</b>	<b>100,00</b>	<b>17.390,73</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

atividades substituídas. Esse fenômeno, segundo aquele autor, foi resultante da evolução favorável dos preços internacionais de alguns produtos, principalmente na primeira metade da década; de uma política comercial adotada no final dos anos sessenta, baseada em estímulos à exportação, com reajustes cambiais (minidesvalorizações) frequentes que reduziam o risco associado à essa atividade. Na segunda metade da década, o comportamento é explicado como resultante de políticas específicas, tais como o PROÁLCOOL, de grande impacto no Estado, dos Planos Anuais de Renovação e Revigoramento dos Cafezais, aliados a alta de preços desse produto, resultante da grande geadada ocorrida em 1975 e políticas de incentivo ao plantio do feijão (tratamento diferenciado pela política de crédito e pelo Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (PROAGRO)).

Esse comportamento, verificado na década de setenta, foi viabilizado pela disponibilidade de tecnologia para alguns produtos, principalmente os de exportação, disponibilizada traduzida em variedades mais produtivas e resistentes às doenças, resultantes de investimentos públicos em pesquisa agropecuária no Estado de São Paulo(5) e, também, pela política de crédito rural subsidiado, que estimulou, de modo diferenciado, a utilização dos insumos modernos, de máquinas e equipamentos, tendo-se em vista o caráter seletivo da distribuição do crédito para diferenciadas faixas de tamanho de propriedades dos agricultores, associadas às culturas de exportação(6).

Cabe ressaltar ainda o papel da política de preços mínimos e de estoques reguladores. Os produtos domésticos apresentaram naquele período maior instabilidade de preços e, conseqüentemente, maior risco de preços para os produtores, diferentemente do que ocorreu com os produtos de exportação, influenciados por variáveis econômicas de natureza internacional (preços externos e taxa de câmbio).

As alterações na composição da produção agrícola paulista, ao nível regional, resultaram em maior especialização e mesmo realocação de certas atividades; a cultura do feijão se intensificou na região de Sorocaba; o cultivo do tomate rasteiro cresceu nas regiões de Bauru, Araçatuba, Presidente Prudente e Marília; o café se expandiu nas regiões tradicionais de Campinas e Ribeirão Preto; a área de soja cresceu nas regiões de Marília e Ribeirão Preto, o mesmo ocorrendo com a cultura do trigo; finalmente, a cana-de-açúcar e a laranja se expandiram nas regiões tradicionais de cultivo, sendo que a cana, graças aos incentivos do PROÁLCOOL e conseqüente instalação, em parte direcionada, de usinas em regiões novas, se estabeleceu em regiões tais como Araçatuba, São José do Rio Preto e Presidente Prudente. Todas essas alterações foram acompanhadas por modificações na utilização da mão-de-obra, em termos de nível e de padrão de utilização, assim como na composição do emprego rural, em termos de suas diversas categorias. Constatou-se crescimento do nível e do padrão sazonal da ocupação do fator

---

(5) Homem de Melo, Fernando B. A política econômica e a pequena produção agrícola. In: Mendonça de Barros, José R. Economia agrícola: ensaios. São Paulo, IPE/USP, 1982. p.87-124.

(6) Guedes Pinto, Luis C. Grupos de interesses e crédito rural no Brasil. Revista de Economia Rural, v.19, número especial, 1981. p.65-83.

trabalho no período analisado, além do decréscimo absoluto e relativo do número de trabalhadores residentes (administradores, arrendatários, parceiros, diaristas, colonos, empreiteiros e outros) e crescimento absoluto e relativo do número de trabalhadores não residentes (volantes e outros); da categoria residente, os mensalistas foram os únicos cujo número cresceu em termos absolutos e relativos(7).

Esse comportamento das áreas cultivadas com as principais atividades agropecuárias, evidentemente, teve reflexos na produção; a maioria dos produtos cujas áreas cultivadas se retraíram nos anos setenta, teve também sua produção diminuída. Em alguns casos (algodão, batata, amendoim, mamona e milho), esses decréscimos da produção foram amenizados por ganhos de produtividade por unidade de área, fruto dos esforços estaduais em pesquisa e assistência técnica (quadros 3,4 e 5)(8).

Com relação à produção pecuária (bovinocultura de corte e de leite), embora a participação paulista no efetivo do rebanho bovino brasileiro decresça e a área total ocupada pelas pastagens no Estado tenha diminuído no período, a produção de carne e de leite manteve-se praticamente estável, indicando que a substituição de pastagens naturais por pastagens cultivadas ou artificiais refletiu-se na melhoria dos índices de produtividade animal por unidade de área. A participação paulista com relação ao rebanho suíno brasileiro também decresceu no período, o mesmo ocorrendo com a produção de carne

suína.

Fenômeno diverso ocorreu com o rebanho avícola; a participação paulista relativamente ao rebanho brasileiro se expandiu nos anos setenta; em números absolutos, esse rebanho cresceu expressivamente, o mesmo ocorrendo com a produção de carne de aves e de ovos (quadros 6,7 e 8). No caso da avicultura de corte, o crescimento extraordinário dessa atividade no Estado de São Paulo, na década de setenta, deveu-se à absorção de moderna tecnologia de produção em substituição à avicultura tradicional, o que permitiu redução nos custos de produção e ganhos de produtividade, resultando em diminuição dos preços relativos da carne de frango com conseqüente expansão do seu consumo(9).

### 3 - A AGRICULTURA NOS ANOS OITENTA

Em princípios da década de oitenta, a economia brasileira apresentava déficit no Balanço de Pagamentos e um processo inflacionário crescente, atingindo níveis de 100%a.a. No período 1982-85 foram implementadas diversas políticas de estabilização, com diminuição da capacidade de importar e medidas contracionistas de políticas fiscal e monetária. O superávit da balança comercial em 1983, em torno de US\$6,5 bilhões, atípico no período citado, só foi possível com uma maxidesvalorização cambial de 30%, juntamente com as importações.

Nesse contexto, a agricultura foi atingida quanto à disponibilidade

(7) Gatti, Elcio U., op.cit. nota 4.

(8) Martin, Nelson B. & Gonçalves, José S. O desempenho da agricultura paulista no período de 1970-87. Comunicação de Pesquisa Agropecuária. v.5, no.3, 1987, p.5-76.

(9) Giulietti, Nelson & Zirlis, Albino E.F. Produção de frango e abastecimento de carne no Brasil. Informações Econômicas, v.13, no.11, 1983, p.31-43.



QUADRO 3.- Taxas Anuais de Crescimento da Área, Produção e Rendimento das Principais Atividades Agropecuárias, Estado de São Paulo, 1970-86(1)

(em porcentagem)

Produto	1970-79			1980-86			1970-86		
	Área(2)	Rendi- mento	Produ- ção	Área(2)	Rendi- mento	Produ- ção	Área(2)	Rendi- mento	Produ- ção
Algodão	-18,81a	3,74b	-7,06a	3,78c	-0,41d	3,37c	-4,39a	3,70a	0,70d
Amendoim	-13,02a	2,01b	-11,01a	8,33b	0,30d	8,03b	-6,90a	1,75a	-5,15a
Arroz	-6,89a	-0,90a	-7,79b	1,57b	1,49a	3,06a	-4,57a	2,85a	-1,72c
Bacata	-2,96a	3,84a	0,88	1,21b	1,25b	0,00b	-1,69a	3,86a	2,17a
Banana	5,35a	-0,49d	4,86a	3,08a	1,66a	4,74a	3,30a	0,88b	4,18a
Cafê	2,47a (0,74)d	-1,21a	-0,48b	-3,51a (-2,01)a	-7,85d	9,86d	0,87c (1,16)b	-2,41d	-1,25b
Cana industrial	6,21a (5,34a)	0,29d	5,62a	7,82a (9,15a)	0,91d	10,06a	7,42a (7,66a)	1,00a	8,59a
Cebola	4,84a	14,09a	18,94a	-2,74a	1,45a	-1,29a	2,60a	8,36a	10,95a
Feijão	4,09b	1,82b	5,91a	-0,92b	1,07a	0,15b	5,45a	2,38a	7,83a
Laranja	10,27a (11,73a)	1,16a	12,93a	4,22a (5,16a)	-1,65b	3,52a	7,06a (8,67a)	1,56a	10,23a
Limão	6,04a (10,30a)	2,43b	12,74a	5,78a (2,89a)	-3,64a	-0,75d	2,61a (3,85a)	0,51a	4,36a
Mandioca	-11,50a (-11,06a)	-3,34a	-14,39a	1,23a (2,01a)	0,12a	2,13a	-4,86a (5,04a)	1,00b	-6,01a
Mamona	-16,82a	2,04b	-14,77a	-0,41	-2,08a	-2,49a	-8,85a	0,22d	-9,06a
Milho	-5,17a	1,38a	-3,80a	2,19c	0,81c	3,00c	-1,43a	2,28a	0,85d
Soja	24,40a	1,64a	26,04a	-3,17a	-2,52b	5,69a	10,65a	2,53a	13,18a
Tangerina	8,34a (9,96a)	1,12a	11,07a	-4,97b (-4,66a)	0,25d	-4,41b	2,16b (3,93a)	1,37a	5,30a
Tomate	1,80b	1,95b	3,75a	-5,49a	5,22a	-0,27d	-1,53a	4,89a	3,36a
Trigo	29,59a	-8,03a	21,56a	3,52b	9,15a	12,68b	12,33a	1,82a	14,15a
Cana p/forragem	0,80d	2,73a	2,81b	0,34d	3,11a	3,45a	0,23d	3,02a	3,25a
Pastagem natural	-4,08a	-	-	0,04d	-	-	-3,54a	-	-
Pastagem artificial	-0,89b	-	-	0,98b	-	-	-0,27a	-	-
Pastagem total	-1,96a	-	-	0,72c	-	-	-1,30a	-	-
Reflorestamento	3,48a	-	-	0,88b	-	-	2,15a	-	-
Carne bovina	-	-	-0,43d	-	-	-1,53b	-	-	-5,64c
Leite	-	-	-0,29d	-	-	-1,17c	-	-	0,24d
Carne suína	-	-	-2,85c	-	-	5,98a	-	-	0,48d
Carne avícola	-	-	14,52a	-	-	4,26b	-	-	10,80a
Ovos	-	-	7,40a	-	-	-4,16b	-	-	4,17a

(1) Os níveis de significância estatística são indicados pelas letras: a(1%), b(5%), c(20%) e d(acima de 20%).

(2) Os números entre parênteses para as áreas de algumas culturas não anuais referem-se à área total plantada (produção + formação).

Fonte: Martin & Gonçalves (1987) op. cit. nota 8.

QUADRO 4.- Área Colhida com as Principais Culturas, Estado de São Paulo e Brasil e Participação de São Paulo no Total, 1981-87

(em 1.000 ha)

(continua)

Cultura	1981			1982			1983			1984		
	São Paulo	Brasil	Participação (%)	São Paulo	Brasil	Participação (%)	São Paulo	Brasil	Participação (%)	São Paulo	Brasil	Participação (%)
Algodão	303,0	1.396,6	21,70	318,0	1.568,3	20,28	308,7	1.347,9	22,90	244,0	1.673,4	14,58
Amendoim	185,4	244,8	75,74	184,0	236,9	77,67	176,7	212,2	83,27	123,7	150,7	82,08
Arroz	315,0	6.101,8	5,16	309,0	6.024,7	5,13	334,1	5.107,7	6,54	340,7	5.351,5	6,37
Batata inglesa	29,4	170,9	17,20	31,9	182,5	17,48	31,0	167,9	18,46	29,4	172,6	17,03
Cana-de-açúcar	1.120,8	2.825,9	39,66	1.281,3	3.084,3	41,54	1.513,2	3.484,8	43,42	1.579,8	3.655,8	43,21
Cana forrageira	74,4	154,5	48,16	76,0	157,0	48,41	73,1	-	-	74,9	176,4	42,46
Feijão	500,1	5.026,9	9,95	574,9	5.926,1	9,70	551,7	4.068,9	13,56	477,5	5.320,2	8,98
Mandioca	28,0	2.067,2	1,35	34,7	2.122,0	1,64	36,3	2.022,8	1,79	30,9	1.815,5	1,70
Milho	1.176,6	11.520,3	10,21	1.330,7	12.619,5	10,54	1.217,0	10.741,9	11,33	1.226,0	12.018,4	10,20
Mamona	26,8	447,3	5,99	23,0	461,8	4,98	21,7	271,4	8,00	30,2	412,9	7,31
Tomate	21,2	48,5	43,71	23,2	55,4	41,88	21,0	48,3	43,48	20,4	52,1	39,16
Trigo	131,7	1.920,1	6,86	134,0	2.827,9	4,74	136,9	1.878,8	7,29	138,3	1.741,7	7,94
Cebola	18,2	74,2	24,53	16,2	62,4	25,96	16,9	67,2	25,15	16,2	68,9	23,51
Soja	543,0	8.501,2	6,39	516,0	8.203,3	6,29	470,0	8.136,5	5,78	483,2	9.421,2	5,13
Banana	35,4	387,8	9,13	39,6	395,7	10,01	39,9	401,5	9,94	33,4	395,8	8,44
Café	907,7	2.617,8	34,67	555,9	1.895,5	29,33	649,7	2.279,3	28,50	791,5	2.505,4	31,59
Laranja	431,0	575,2	74,93	440,8	589,9	74,72	472,2	623,9	75,69	474,2	632,1	75,02
Uva	10,4	57,5	18,09	10,3	57,6	17,88	9,2	58,1	15,83	8,9	56,1	15,86
Pastagem												
Natural	2.663,1	-	-	2.813,8	-	-	2.882,6	-	-	2.663,9	-	-
Artificial	6.996,3	-	-	7.248,3	-	-	7.371,8	-	-	7.572,2	-	-

Fonte: Elaborado a partir dos dados da Fundação IBGE, Anuários Estatísticos 1981-88. Dados de pastagem do Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

QUADRO 4.- Área Colhida com as Principais Culturas, Estado de São Paulo e Brasil e Participação de São Paulo no Total, 1981-87

(em 1.000 ha)

(conclusão)

Cultura	1985			1986			1987			Participação média do período (%)
	São Paulo	Brasil	Participação (%)	São Paulo	Brasil	Participação (%)	São Paulo	Brasil	Participação (%)	
Algodão	382,1	2.252,9	16,96	355,9	1.995,9	17,83	325,3	1.276,6	25,48	1.996,13
Amendoim	160,9	193,2	83,28	135,0	161,8	83,44	116,7	142,4	81,95	8.106,14
Arroz	306,2	4.754,7	6,44	314,2	5.584,9	5,63	303,2	6.000,0	5,05	575,97
Batata inglesa	26,2	155,2	16,88	27,7	160,7	17,24	30,0	176,9	16,96	1.732,24
Cana-de-açúcar	1.666,2	3.912,0	42,59	1.680,0	3.951,8	42,51	1.727,0	4.310,4	40,07	4.185,87
Cana forrageira	68,7	172,8	39,76	72,3	181,0	39,94	72,3	-	-	-
Feijão	480,5	5.315,9	9,04	437,3	5.477,7	7,98	456,9	5.221,8	8,75	970,80
Mandioca	38,5	1.868,0	2,06	35,2	2.051,5	1,72	38,6	1.934,8	2,00	175,12
Milho	1.146,8	11.798,3	9,72	1.280,0	12.465,8	10,27	1.382,4	13.499,4	10,24	1.035,96
Mamona	25,9	496,8	5,21	15,3	457,0	3,35	17,9	263,3	6,80	594,88
Tomate	19,4	53,9	35,99	17,9	51,8	34,56	17,5	57,6	30,38	3.845,04
Trigo	154,9	2.676,7	5,79	217,8	3.864,2	5,64	180,0	3.454,8	5,21	620,83
Cebola	14,4	58,0	24,83	15,6	63,7	24,49	16,7	75,4	22,15	2.437,38
Soja	498,5	10.153,4	4,91	475,9	9.181,6	5,18	461,7	9.131,6	5,06	553,31
Banana	42,4	417,8	10,15	33,5	430,6	7,78	49,6	447,7	11,08	950,28
Café	780,0	2.533,8	30,78	585,8	2.591,5	22,60	841,7	-	-	-
Laranja	503,6	663,0	75,96	541,8	707,8	76,55	563,5	724,8	77,75	7.580,15
Uva	8,7	57,8	15,05	8,9	58,9	15,11	9,0	59,0	15,25	1.615,50
Pastagem										
Natural	2.808,4	-	-	2.543,3	-	-	2.530,4	-	-	-
Artificial	7.612,6	-	-	7.709,8	-	-	7.739,7	-	-	-

Fonte: Elaborado a partir dos dados da Fundação IBGE, Anuários Estatísticos 1981-88. Dados de pastagem do Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

QUADRO 5.- Produção das Principais Culturas, Estado de São Paulo e Brasil e Participação de São Paulo no Total, 1980/81 a 1986/87

(continua)

Cultura	Unidade	1980/81			1981/82			1982/83			1983/84		
		São Paulo	Brasil	Participação (%)	São Paulo	Brasil	Participação (%)	São Paulo	Brasil	Participação (%)	São Paulo	Brasil	Participação (%)
Algodão	t	4.807,50	15.421,06	31,17	5.050,50	16.947,25	29,80	4.642,50	15.210,37	30,52	5.042,00	18.893,59	26,69
Amendoim	t	3.005,00	3.549,51	84,66	2.695,50	3.174,51	84,91	2.465,00	2.843,32	86,69	2.113,00	2.486,32	84,99
Arroz	t	3.798,00	82.283,26	4,62	4.992,00	97.345,53	5,13	6.174,00	77.410,04	7,98	3.888,00	90.273,63	4,31
Batata inglesa	t	5.304,00	19.121,69	27,74	5.670,00	21.547,75	26,31	5.397,00	18.180,04	29,69	5.556,00	21.711,33	25,59
Cana-de-açúcar	1.000t	731,40	1.559,24	46,91	941,90	1.866,47	50,46	1.084,50	2.165,34	50,08	1.166,70	2.223,18	52,48
Cana forrageira	1.000t	33,20	51,98	63,87	31,96	53,61	59,62	33,00	-	-	36,65	62,61	58,54
Feijão	t	3.303,00	23.409,47	14,11	4.932,00	29.026,57	16,99	3.183,60	15.869,93	20,06	3.069,00	26.256,76	11,69
Mandioca	t	6.720,00	245.163,60	2,74	7.740,00	240.723,20	3,22	8.100,00	215.687,57	3,76	6.100,00	214.662,22	2,84
Milho	1.000t	27,53	211,17	13,04	33,92	218,42	15,53	31,59	187,44	16,85	29,01	211,64	13,71
Mamona	t	217,50	2.918,12	7,45	248,50	1.921,48	12,93	230,00	1.716,50	13,40	295,00	2.226,78	13,25
Tomate	t	6.604,00	14.517,13	45,49	8.371,60	17.424,08	48,05	7.529,60	15.521,51	48,51	7.620,00	18.175,74	41,92
Trigo	t	1.208,00	22.096,31	5,47	1.573,00	18.269,45	8,61	2.075,10	22.363,18	9,28	1.131,00	19.831,57	5,70
Cebola	t	2.585,00	7.784,03	33,21	2.513,70	6.706,24	37,48	2.259,10	7.245,83	31,18	2.725,40	7.172,30	38,00
Soja	1.000t	12,78	150,07	8,52	12,80	128,36	9,97	9,66	145,82	6,52	8,49	155,41	5,46
Banana	1.000cachos	430,00	4.473,37	9,61	421,10	4.545,00	9,27	368,40	4.404,68	8,36	464,20	4.708,15	9,86
Café (beneficiado)	t	5.652,00	20.322,10	27,81	3.372,00	9.579,30	35,20	4.416,00	16.652,71	26,52	4.230,00	14.202,81	29,78
Laranja(1)	1.000t	71,56	92,97	76,97	75,24	94,64	79,50	77,05	95,73	80,49	83,68	105,59	79,25
Uva	t	1.236,40	6.631,49	18,64	1.229,60	6.389,28	17,85	491,40	5.745,07	8,55	889,40	6.031,72	14,75

(1) Dados originais relativos ao Brasil da Fundação IBGE em 1.000 unidades, transformados em 1.000t, tendo por base o padrão de 250 frutos/cx. de 40,8kg.

Fonte: Dados para o Estado de São Paulo do Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral. Dados para o Brasil da Fundação IBGE, Anuários Estatísticos 1981-88.

## INFORMAÇÕES ECONÔMICAS 12/89

### ERRATA

#### UM DIAGNÓSTICO DO SETOR AGRÍCOLA PAULISTA: DESEMPENHO DA PRODUÇÃO

QUADROS 4 e 5 (conclusão) – Páginas 51 e 53 – Na coluna referente à **Participação Média do Período (%)** considerar o valor impresso dividido por 100 e apenas duas casas decimais.

QUADRO 5.- Produção das Principais Culturas, Estado de São Paulo e Brasil e Participação de São Paulo no Total, 1980/81 a 1986/87

(conclusão)

Cultura	Unidade	1984/85			1985/86			1986/87			Participação média do período (%)
		São Paulo	Brasil	Parti- cipação (%)	São Paulo	Brasil	Parti- cipação (%)	São Paulo	Brasil	Parti- cipação (%)	
Algodão	t	6.948,00	26.679,23	26,04	6.431,00	21.980,27	29,26	5.400,00	16.119,94	33,50	2.956,92
Amendoim	t	2.860,00	3.392,34	84,31	1.932,00	2.169,29	89,06	1.542,50	1.952,19	79,01	8.480,47
Arroz	t	4.968,00	90.245,55	5,50	4.998,00	103.740,30	4,82	5.400,00	104.251,00	5,18	536,13
Batata inglesa	t	5.370,00	19.466,59	27,59	5.493,00	18.359,75	29,92	5.748,00	23.425,86	24,54	2.733,86
Cana-de-açúcar	1.000t	1.219,50	2.471,99	49,33	1.229,10	2.391,78	51,39	1.320,50	2.685,84	49,17	4.997,45
Cana forrageira	1.000t	35,20	61,99	56,78	33,00	64,71	51,00	35,65	-	-	-
Feijão	t	3.630,00	25.487,38	14,24	2.763,00	22.091,88	12,51	2.913,00	20.060,55	14,52	1.487,43
Mandioca	t	6.500,00	231.247,82	2,81	6.440,00	256.206,00	2,51	5.782,50	234.999,57	2,46	290,55
Milho	1.000t	29,71	220,18	13,49	30,94	205,31	15,07	39,21	267,87	14,64	1.461,83
Mamona	t	265,00	4.176,57	6,34	157,00	2.632,37	5,96	205,00	1.068,09	19,19	1.121,94
Tomate	t	7.296,80	19.346,10	37,72	7.274,00	18.463,05	39,40	7.242,50	20.431,77	35,45	4.236,20
Trigo	t	2.957,00	43.202,67	6,84	3.300,00	56.896,80	5,80	3.198,00	60.991,11	5,24	670,67
Cebola	t	2.230,80	6.395,69	34,88	2.663,00	6.391,82	41,66	2.682,80	8.569,21	31,31	3.538,84
Soja	1.000t	9,60	182,78	5,25	9,15	133,30	6,86	9,78	169,79	5,76	692,17
Banana	1.000cachos	478,30	4.815,03	9,93	679,94	5.051,59	13,46	691,06	5.144,56	13,43	1.056,10
Cafê(beneficiado)t		4.932,00	19.106,46	25,81	1.710,00	10.414,05	16,42	7.590,00	-	-	-
Laranja(1)	1.000t	88,94	115,99	76,68	77,55	109,13	71,06	95,61	119,71	79,87	7.768,83
Uva	t	1.011,50	7.121,82	14,20	1.125,00	5.948,45	18,91	1.091,70	5.574,14	19,59	1.607,02

(1) Dados originais relativos ao Brasil da Fundação IBGE em 1.000 unidades, transformados em 1.000t, tendo por base o padrão de 250 frutos/cx. de 40,8kg.

Fonte: Dados para o Estado de São Paulo do Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral. Dados para o Brasil da Fundação IBGE, Anuários Estatísticos 1981-88.

13

QUADRO 6.- Produção Animal, Peso de Carcaça dos Animais Abatidos, Estado de São Paulo e Brasil e Participação de São Paulo no Total, 1970 a 1987

(em 1.000 t)

Ano	São Paulo			Brasil			Participação relativa de São Paulo (%)		
	Bovinos(1)	Suínos(2)	Aves(3)	Bovinos(1)	Suínos(2)	Aves(3)	Bovinos(1)	Suínos(2)	Aves(3)
1970	415,0	99,7	77,0	1.845,2	766,5	85,4	22,49	13,01	90,16
1971	440,0	88,6	100,0	1.837,8	802,2	113,3	23,94	11,04	88,26
1972	524,0	57,0	175,1	2.044,4	...	...	25,63	...	...
1973	554,5	56,3	208,2	1.861,8	...	...	29,78	...	...
1974	504,3	66,4	230,0	1.513,0	...	...	33,33	...	...
1975	496,8	65,9	240,0	1.790,2	495,6	372,8	27,75	13,30	64,38
1976	456,2	71,2	275,0	2.175,8	541,5	413,2	20,97	13,15	66,55
1977	438,8	72,8	286,0	2.445,5	509,8	496,6	17,94	14,28	57,59
1978	449,7	61,2	294,7	2.319,9	566,2	587,4	19,38	10,81	50,17
1979	445,1	63,7	327,1	2.114,2	610,7	713,1	21,05	10,43	45,87
1980	466,7	65,4	375,0	2.083,8	699,4	914,5	22,40	9,35	41,01
1981	437,0	65,1	425,0	2.115,0	709,1	1.048,8	20,66	9,18	40,52
1982	463,6	60,8	542,5	2.396,6	625,9	1.192,0	19,34	9,71	45,51
1983	461,8	83,8	508,1	2.364,6	646,9	1.204,4	19,53	12,95	42,19
1984	421,6	76,1	465,6	2.161,3	566,9	1.146,1	19,51	13,42	40,62
1985	426,7	82,7	443,8	2.222,6	577,4	1.144,9	19,20	14,32	38,76
1986(4)	381,8	84,7	488,2	1.958,2	610,1	1.196,5	19,50	13,88	40,80
1987(4)	407,6	91,7	413,7	2.136,8	730,9	1.271,0	19,08	12,55	32,55

(1) Bois, vacas e vitelos.

(2) Porcos e leitões.

(3) Perus, galos, galinhas, frangos, frangas, patos, marrecos, gansos e codornas.

(4) Estimativa.

Fonte: Para o Brasil, Anuário Estatístico do Brasil (IBGE), 1973-86, Dados para o Estado de São Paulo, Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 7.- Efetivo dos Rebanhos Bovino, Suíno e Avícola, Estado de São Paulo e Brasil e Participação de São Paulo no Total, 1970-86

(em 1.000 cabeças)

Ano	São Paulo			Brasil			Participação relativa de São Paulo (%)		
	Bovinos	Suínos	Aves(1)	Bovinos	Suínos	Aves(1)	Bovinos	Suínos	Aves(1)
1970	1.137,2	494,0	6.341,5	9.657,6	6.645,7	28.902,1	11,78	7,43	21,94
1971	1.028,2	331,3	6.373,7	8.803,4	4.581,7	26.575,2	11,68	7,23	23,98
1972	1.037,2	310,8	6.337,8	9.012,2	4.353,6	26.869,5	11,51	7,14	23,59
1973	1.104,5	324,2	6.633,7	9.043,7	3.758,7	27.167,0	12,21	8,63	24,42
1974	1.019,2	173,0	6.159,2	9.249,5	3.419,1	27.437,8	11,02	5,06	22,45
1975	1.138,2	216,6	7.367,0	10.253,2	3.764,0	31.186,7	11,10	5,75	23,62
1976	1.195,5	226,1	8.371,0	10.734,9	3.874,2	33.897,7	11,14	5,84	24,69
1977	1.178,7	191,9	7.823,5	10.729,7	3.453,2	33.158,6	10,99	5,56	23,59
1978	1.166,9	190,8	8.216,5	10.694,3	3.369,9	34.571,1	10,91	5,66	23,77
1979	1.163,5	216,1	8.908,6	10.917,7	3.569,5	38.765,7	10,66	6,05	22,98
1980	1.186,7	199,5	10.464,1	11.897,1	3.418,3	44.741,1	9,97	5,84	23,39
1981	1.169,3	200,0	10.163,5	12.178,5	3.242,9	45.813,3	9,60	6,17	22,18
1982	1.165,0	201,5	10.496,1	12.348,8	3.317,6	46.992,4	9,43	6,07	22,34
1983	1.143,1	203,9	10.080,9	12.418,6	3.167,8	45.075,3	9,20	6,44	22,36
1984	1.148,8	205,9	9.484,8	12.765,5	3.232,7	46.278,4	9,00	6,37	20,50
1985	1.126,1	202,5	9.941,1	12.842,3	3.224,8	47.008,8	8,77	6,28	21,15
1986	1.174,6	201,2	10.194,4	13.222,2	3.253,9	49.564,0	8,88	6,18	20,57

(1) Galinhas, galos, frangos, frangas e pintos.

Fonte: Brasil, MA, SUPLAN - Série Estatística Agropecuária, Estado, Região e Brasil, 1970-80; Anuários Estatísticos do Brasil, Rio de Janeiro, IBGE, - 1981-86.



QUADRO 8.- Produção de Produtos de Origem Animal, Estado de São Paulo e Brasil e Participação de São Paulo no Total, 1970-86

Ano	São Paulo		Brasil		Participação relativa de São Paulo (%)	
	Leite (1.000ℓ)	Ovos (1.000 dz.)	Leite (1.000ℓ)	Ovos (1.000 dz.)	Leite	Ovos
1970	13.991,72	3.001,91	71.252,42	8.615,64	19,64	34,84
1971	14.170,17	3.268,30	71.094,30	8.346,24	19,93	39,16
1972	14.066,30	3.464,74	71.416,07	8.565,73	19,70	40,45
1973	13.579,61	1.919,10	63.332,70	5.245,13	21,44	36,59
1974	12.414,78	2.819,35	71.012,61	6.913,79	17,48	40,78
1975	13.319,84	3.329,87	79.473,78	8.432,25	16,76	39,49
1976	13.857,77	3.707,64	82.569,42	9.205,04	16,78	40,28
1977	14.664,86	3.771,45	95.656,37	9.257,28	15,33	40,74
1978	15.796,61	4.640,83	97.821,69	10.700,75	16,15	43,37
1979	18.006,19	5.142,34	101.872,28	12.212,53	17,68	42,11
1980	18.441,22	5.166,10	111.622,45	13.034,39	16,52	39,63
1981	18.277,95	4.910,67	113.239,67	13.012,06	16,14	37,74
1982	18.420,43	5.152,45	114.612,15	13.820,16	16,07	37,28
1983	18.186,04	4.802,64	114.630,18	13.080,66	15,86	36,72
1984	18.167,21	5.748,69	119.329,08	16.069,76	15,22	35,77
1985	17.810,04	6.004,40	120.783,99	17.394,58	14,75	34,52
1986	18.286,84	6.429,49	124.918,09	18.905,94	14,64	34,01

Fonte: Brasil, MA, SUPLAN - Série Estatística Agropecuária, Estado, Região e Brasil, 1970-80; Anuários Estatísticos do Brasil, Rio de Janeiro, IBGE, 1981-86.

de crédito para o setor, com contração do volume destinado ao crédito oficial da ordem de 30% em 1984. Adicionalmente, com a elevação das taxas de juros, o setor agrícola passou a depender da capacidade de autofinanciamento e de assumir maiores riscos. De acordo, com Lopes(10), esse fato implicou no uso menos intensivo de tecnologia, relativamente à década anterior. Culturas tais como: algodão, milho e trigo, cujas produções dependem muito do crédito de custeio, sofreram corte na utilização de insumos modernos, enquanto que as culturas de soja e arroz irrigado sofreram relativamente menos os cortes no uso de insumos, dada a relativa rentabilidade e maior capacidade de autofinanciamento dessas culturas.

Sobre esse último ponto, um estudo específico para a região de Ribeirão Preto do Estado de São Paulo, no período 1970/71-1981/82, foi realizado por Carvalho(11). Esse autor concluiu que, principalmente, os produtos, tais como, arroz de sequeiro, algodão e feijão (não irrigado) apresentaram menor capacidade de auto-reprodução relativamente aos demais (soja, cana e laranja). Essa capacidade de auto-reprodução estaria rela-

cionada com a incorporação tecnológica, viabilizada, em parte, pelo crédito rural.

Durante a década diferenciase o ano de 1986, devido à implementação do Plano Cruzado em fevereiro desse ano, que teve impacto significativo sobre o setor agrícola. A desindexação da economia e o aumento da oferta de recursos oficiais resultaram em crescimento expressivo da área cultivada e utilização de insumos. Adiciona-se a isso uma política de preços baixos que estimulou a troca de ativos financeiros por ativos reais(12).

Análise de dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV) permite inferir que a agricultura brasileira vem apresentando variação do produto real na década de oitenta de forma desigual, apresentando valores positivos de 9,5% e 10,0% em 1980 e 1985, respectivamente e até valores negativos de 0,4% e 7,8% em 1982 e 1986, respectivamente(13).

Setorialmente, a agricultura também apresentou crescimento desequilibrado. De acordo com Homem de Melo(14) para o período de 1977-84, o crescimento da produção por habitante e por ano foi o seguinte: produtos de

- 
- (10) Lopes, Mauro R. Alguns efeitos das políticas agrícolas sobre o progresso técnico na agricultura. Carta Mensal da SUPEC, v.2, no.8, 1987.
- (11) Carvalho, Maria A. Capacidade de autofinanciamento da agricultura paulista. São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, IEA, 1986, 138p. (Relatório de Pesquisa, 15/86).
- (12) Lopes, Mauro R. op.cit. nota 10.
- (13) Esse último ano, 1986, refere-se à safra plantada em 1985, prejudicada pela prolongada estiagem sobre as Regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do País, enquanto que, para 1982, a queda do produto real deveu-se principalmente à geadada em julho de 1981, que afetou a produção de café. Ver Prognóstico Região Centro-Sul, 81/82. São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, IEA, 1981. 236p. e Conjuntura Econômica, v.42, no.9, 1988.
- (14) Homem de Melo, Fernando B. Estabilidade de preços de alimentos e intervenção: uma nova postura governamental. Revista de Economia Política, v.6, no.3, 1986, p.25-34.

mercado interno (-1,94%), produtos de exportação (+2,56%), carne (estagnada), trigo (-0,06%) e cana-de-açúcar (+7,84%)(15). A explicação para esse fato leva em conta a maior instabilidade do preço associada aos produtos domésticos vis à vis os produtos de exportação. Apesar das tentativas do Governo para implementar políticas de estabilização de preços das culturas domésticas, essas continuam em desvantagem em relação às exportáveis, segundo aquele autor.

Os movimentos da recomposição das áreas ocupadas pelas culturas domésticas e de exportação ocorridos na década de setenta, no Estado de São Paulo, mantiveram-se na de oitenta, apesar da pequena recuperação observada para as culturas domésticas. No Estado de São Paulo, as culturas que na década de setenta apresentaram taxas negativas de crescimento para área, tais como: algodão, amendoim, arroz, batata, mandioca e milho, na de oitenta passam a apresentar taxas positivas de crescimento tanto para área como para produção (quadro 3). A participação relativa dessas culturas no total da área agricultada do Estado, porém, não retorna aos níveis da década anterior (quadro 2).

As culturas do trigo e da laranja continuam a se expandir com taxas positivas, apesar de menores, tanto para a área como para a produção. Em termos de participação relativa na área total agricultada do Estado, a laranja apresenta aumento de 3,30% para 3,92%, no período de 1980-87. A cultura do trigo após o aumento repentino de 0,11% para 0,83%, no segundo quinquênio da década de setenta, manteve constante os níveis de participação relativa (quadros 2 e 3).

Já as culturas da soja e do café passaram a apresentar taxas negativas de crescimento da área, invertendo a situação da década anterior, mas mantêm a produção com taxas positivas de crescimento, apesar de mais baixas. Tanto a soja como o trigo, que são cultivados como culturas complementares, apresentaram um salto repentino na participação da área do Estado no período de 1975-80 e, a partir de então, têm mantido nesse nível sua participação (quadros 2 e 3).

A cana-de-açúcar para a indústria continua com altas taxas de crescimento para a área e apresentando aumentos expressivos na produção. O nível da participação na área total agricultada do Estado passa de 3,76% em 1970 para 8,08% em 1980 e 11,58% em 1986, com crescimento significativo quanto à ocupação do solo (quadros 2 e 3).

O feijão, produto importante na cesta básica de alimentos, apresentou taxa negativa de crescimento na década de oitenta para área, invertendo a tendência da década anterior, enquanto a produção se manteve no mesmo nível devido à taxa positiva de crescimento do rendimento (quadros 2 e 3). Martin & Gonçalves(16) atribuem como uma das causas do comportamento diferenciado desta cultura na década anterior, a utilização de uma nova variedade desenvolvida pelo Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), lançada em 1969. Outra peculiaridade na produção dessa cultura é o cultivo do feijão irrigado no inverno, atividade em expansão a partir do início dos anos oitenta, com impacto sobre a oferta do produto. Diferencia-se também, a capacidade de auto-reprodução dessa cultura, relativamente

---

(15) Produtos de mercado interno: arroz, batata, feijão, mandioca e milho.

Produtos de exportação: algodão, amendoim, cacau, café, fumo, laranja e soja. Homem de Melo, Fernando B. op.cit. nota 14.

(16) Martin, Nelson B. & Gonçalves, José S., op.cit. nota 8.

às outras culturas domésticas, pela possibilidade de se poder produzir duas ou três safras anuais(17).

As olerícolas, tais como cebola e tomate, merecem também algumas considerações, pois o Estado de São Paulo participa com parcela significativa da produção brasileira(18). Essas culturas apresentaram, na década de oitenta, taxa negativa de crescimento da área; a produção, porém, decresce a taxas menores devido aos ganhos de produtividade verificados, expressivos no caso do tomate. Esse fato deveu-se ao uso de insumos modernos e à adaptação de variedades mais produtivas e resistentes, particularmente na cultura do tomate rasteiro. Participa, também, desse processo, o crescimento do setor agroindustrial processador de matérias-primas agrícolas (quadros 3, 4 e 5).

Com relação à pecuária, a tendência negativa das taxas de crescimento da produção observada na década anterior acentua-se, na de oitenta, para carne bovina e leite. A carne suína que na década anterior apresentava taxa negativa de crescimento, passou a registrar taxas positivas significativas para a produção (quadro 3). Esse fato, deve-se, em parte, ao crescimento da participação desse produto na agroindústria processadora de carnes. Constata-se que o efetivo de rebanho suíno decresceu de 4.940 mil cabeças, em 1970, para 1.908 mil cabeças, em 1978, ano em que se constata a ocorrência da peste suína no Estado de São Paulo, aumentando o número de abates de animais contaminados para descarte, buscando-se erradicá-la. A partir desse ano, a média do efetivo de reba-

nho mantém-se em 2.000 mil cabeças até 1986 (quadro 7). Paralelamente, observa-se um aumento da produção em peso de carcaça, portanto, um aumento da produtividade, fruto de melhoramentos genéticos e inovações tecnológicas(19). Em 1987, a produção em peso de carcaça para suíno atingiu uma posição recorde; tal comportamento, segundo o autor citado anteriormente, foi causado pelo estabelecimento de novas granjas, estimulado pelo Plano Cruzado e pelo aumento do consumo, devido à diminuição da oferta da carne bovina (quadro 6).

A produção de carne de aves mantém taxas de crescimento positivas, apesar de inferiores, pois o incremento maior ocorreu na década de 70, com a incorporação de tecnologia tanto na produção como no processamento dos abatedouros. Para 1986, ocorreu incremento expressivo da demanda causada pelo Plano Cruzado, pelas mesmas razões anteriormente mencionadas (quadros 3, 6 e 7).

Alguns fatores conjunturais foram relevantes para a manutenção, na década de oitenta, da recomposição da área agricultada ocorrida no período anterior. Para a cultura da laranja, o fator mais importante foi a perspectiva favorável do preço do suco concentrado no mercado internacional, principalmente no mercado norte-americano, vigente durante toda a década. A cana para a indústria sucro-alcooleira continuou a expandir sua área e produção a taxas elevadas desde a criação do PROÁLCOOL (1976) até 1986. A partir de então, é observada estagnação na produção e tendência a decréscimo. As causas seriam a defasagem entre os preços pagos aos produtores e os

---

(17) Carvalho, Maria A., op.cit. nota 11.

(18) Em média, na década de oitenta o Estado de São Paulo participou com 42,36% da produção brasileira de tomate e com 35,39% na de cebola (quadro 5).

(19) Santiago, Maura D. Custo de produção de suínos no Estado de São Paulo e análise de rentabilidade do setor. Piracicaba, ESALQ/USP, 1988. p.62-76.

custos de produção e a redução drástica dos financiamentos governamentais. Em vista desses fatos, tem se elevado o número de produtores que não renovam toda a área que vinha sendo ocupada pela cana e passam a plantar outros produtos mais rentáveis.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta análise preliminar efetuada sobre as duas últimas décadas para a agricultura paulista, permite inferir que as grandes definições para o setor ocorreram na década de setenta e, apesar das tentativas de implementação de políticas drásticas de contenção do processo inflacionário na década de oitenta, essas não modificaram as tendências da década anterior em termos de recomposição das culturas e da produção.

Na década de setenta ocorreram na agricultura mudanças drásticas em termos tecnológicos e realocação das áreas entre as culturas de modo diferenciado. Essas mudanças foram possibilitadas por políticas específicas favoráveis aos produtos de exportação e pela produção energética através do álcool da cana-de-açúcar.

A situação geral da economia brasileira da década de oitenta não possibilitou maior aporte de recursos para manter o crescimento do setor agrícola nos níveis da década anterior. Porém, as políticas adotadas demonstraram uma preocupação com a retração ocorrida na década anterior com algumas culturas de abastecimento do mercado interno que apresentaram pequenas recuperações nas suas áreas cultivadas. Excluindo a cana-de-açúcar, produtos tais como soja, laranja, trigo, feijão e algumas olerícolas que, na década de setenta, apresentaram expansão de áreas a taxas elevadas, perdem, na década seguinte, esse dinamismo com valores ligeiramente menores. Essa perda de dinamismo também é observada nas taxas de crescimento da produtividade que pra-

ticamente estacionam nos níveis anteriores, exceto para trigo e tomate, por razões específicas.

Pela análise efetuada, o planejamento da ocupação do solo agrícola pelas instituições governamentais aflora como atividade de grande importância no futuro. A adequação da utilização da terra, tanto para atividades agropecuárias como para atividades industriais e mesmo ocupação urbana evitariam problemas sociais e econômicos advindos do mau uso. Tentativas de direcionamento da instalação da agroindústria sucro-alcooleira e do zoneamento agrícola por parte da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo deveriam ser resgatadas e avaliadas como subsídios para novas atuações do poder público do Estado de São Paulo.

Enfatiza-se que tanto o planejamento do uso do solo como da produção evitariam, em parte, possíveis impactos sociais negativos de uma ocupação direcionada por interesses sectários da sociedade.

Essas modificações, tanto as tecnológicas como as relativas à composição da produção, tiveram reflexos sobre o emprego e a população agrícola que serão analisados com mais detalhes na terceira parte deste estudo.